

Um país muito doente

Como se vivesse no início do século, o povo brasileiro vem sendo vítima de doenças como a esquistossomose, a malária, a lepra, a dengue e a febre amarela. Segundo a Organização Panamericana de Saúde, a principal causa do aumento de endemias que estavam praticamente sob controle é a redução dos programas de prevenção.

Lepra



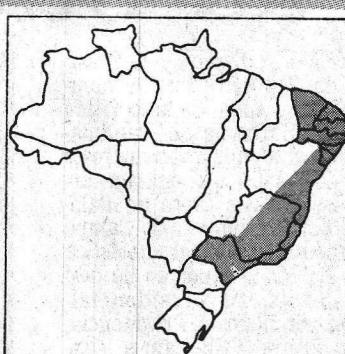
Em número de portadores de hanseníase, o Brasil perde apenas para a Índia, a Birmânia e a Nigéria, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Doença de Chagas



O Brasil concentra 80 por cento dos casos de doença de Chagas registrados no Mundo. O mal atinge cerca de cinco milhões de brasileiros.

Dengue



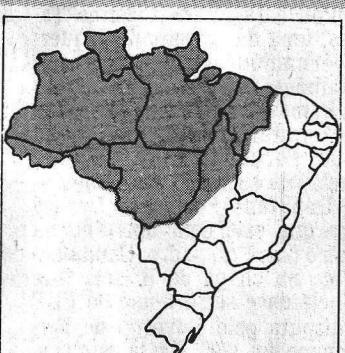
Erradicado há quase 40 anos, o *aedes aegypti*, mosquito da dengue, voltou a atacar. Hoje, epidemiologistas acham impossível acabar com a doença.

Esquistossomose



A Sucam estima que o País tenha 83 mil portadores; o Ministério da Saúde, 5,5 milhões; e epidemiologistas, 13 milhões.

Malária



De 50 mil casos de malária registrados em 1970, o Brasil pulou, ano passado, para 600 mil. Um aumento de cerca de 20 por cento ao ano.

Recordistas

■ Lepra:

Amazonas — 12,6 casos por mil habitantes

■ Doença de Chagas:

Minas Gerais e Rio Grande do Sul — Nove por cento da população de cada Estado

■ Dengue:

Rio de Janeiro

■ Esquistossomose:

Minas Gerais e Bahia

■ Malária:

Rondônia — 300 mil casos em 1988

Mal de Chagas: antes o inseto, agora a transfusão

SÃO PAULO — Os dados mais recentes sobre a doença de Chagas, que atinge pelo menos cinco milhões de pessoas, são de 1982. Segundo o Chefe do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP, José Maria Soares Barata, já naquela época o inquérito mostrou uma situação preocupante. Através dele soube-se, por exemplo, que 9% dos mineiros, 9% dos gaúchos, 8% dos goianos e 6% dos baianos têm a doença.

Barata disse que outro problema é a expansão das endemias para as regiões urbanas. Nas grandes cidades, a transmissão não se dá mais pelo inseto barbeiro, mas através de transfusões de sangue, responsáveis pelo surgimento de cerca de 20 mil casos por ano.

O desconhecimento por parte do Go-

verno da verdadeira dimensão das endemias é visível também no caso da esquistossomose. Os registros da Sucam acusam 83 mil portadores no País; o Ministério da Saúde, porém, divulga a existência de 5,5 milhões de doentes; e os epidemiologistas calculam 13 milhões.

De acordo com o professor Eliseu Waldman, do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP, essa é uma doença tipicamente associada às más condições de vida, provocada por um protozoário que é eliminado através das fezes dos doentes. Onde não há saneamento básico, acabam indo parar em locais como lagoas, que abrigam certos tipos de caramujo que hospedam o protozoário. Ele disse que 50% dos focos estão concentrados em áreas urbanas.

Já o coordenador do Programa de Combate à Hanseníase de São Paulo, Clóvis Lombardi, diz que os programas atuais não acompanham as mais recentes descobertas sobre as formas de transmissão da doença. A prevenção e o controle ainda partem do pressuposto de que a bactéria não é altamente infectante, embora novos estudos mostrem o contrário. Lombardi afirmou que a doença não é bem controlada aqui porque ainda carrega um estigma, que leva seus portadores a retardarem a busca do médico, e também porque não é feito o diagnóstico precoce.

Segundo o Ministério da Saúde, existem 260 mil portadores de hanseníase no Brasil. Os dados extra-oficiais dobram este número.